

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor e Lorjô Tavares.**
COLLABORADORES EFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Crispim (pseudonymo).
Conde da Esperança.
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal.*
CHEFE DO ESCRITORIO — J. Nunes de Freitas.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE OUTUBRO DE 1912

N.º 329

ASSUMPTOS ARTISTICOS



ARABES NOMADAS

(Quadro do pintor A. Frisch)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de outubro de 1912

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

11

A capital de Portugal e a capital do Brasil—Uma fita animatographica de portuguezes—Patria super omnia.

FÓRA do territorio portuguez, em nenhuma outra zona do planeta nos consideramos, como no Rio de Janeiro, em Portugal, isto é: em nossa casa. Quem faz a Avenida Central faz o Chiado e a Rua do Ouro. Com esta differença apenas: a Avenida Central com o seu movimento é enorme, com os seus milhares de automoveis, com o seu luxo parisiense, com a raridade das *toilettes*, com as suas *cocottes* internacionaes, com os seus palacios, os seus cafés, os seus cinemas, tem mais dos *boulevards* de Paris e de Berlim, de que tem de qualquer cidade provinciana de França ou da Allemanha essas humildes e afamadas ruas alfacinhas de que lá nos orgulhamos e cuja inconcebível modestia, pelo confronto, que se impõe, aqui sentimos.

Quando percorrêmos, porém, esta encantadora, longa e movimentada arteria da cidade, não é qualquer ponto de semelhança com as nossas avenidas ou as nossas ruas que nos fez pensar em Lisboa. E' a palavra Portugal, são os nomes das nossas villas e das nossas aldeias, são todos os acontecimentos portuguezes sob todos os commentarios variadissimos, é a lingua portugueza, sonora e cantante como nós a falámos, ou com os tons languidos e os *sustakes* caracteristicos que o Brasil lhe imprimiu, é, por assim dizer, toda a vida portugueza na reprodução verbal, que a toda a hora nos entra pelos ouvidos, nos attrae os olhares, nos prende a attenção e o espirito.

Que pasmosa differença entre esta capital americana e qualquer das grandes cidades da Europa! Quando ahi transpomos a fronteira, fica lá fechada a sete chaves a nossa boa linguagem, tão formosa como bisbilhoteira, que por essa Europa fóra se vê privada do seu prazer mais delicioso: criticar a vida alheia. Até aqui, ouvir-se falar portuguez fóra de Portugal, era o mais sporadico de todos os casos, e se nos ultimos tempos, em virtude dos graves acontecimentos politicos que se tem desdobrado no nosso paiz, tem tido uma excepção aquella regra pelo constante exodo de familias portuguezas, mais cedo ou mais tarde fechar-se-ha o parentese, e voltaremos ao nosso habitual isolamento nas grandes cidades internacionaes.

Mas não é só a vibração da mesma lingua que bebemos no leite, não é só o facto de a todo o passo nos baterem aos ouvidos os casos que ahi occorrem, que de momento a momento nos transportam em espirito a Portugal e sobretudo a Lisboa. Não. O que mais nos recorda e aviva as ruas da nossa cidade são as physionomias que a toda a hora nos surgem aqui e ali. Conhecemos de vista a maior parte, temos a certeza de que ahi nos encontrámos, num café, num estabelecimento, num theatro, e isso basta. Outras são velhas conhecidas, e até algumas de amigos nossos. Podemos applicar a quasi todos o conhecido *refrain* da cantiga popular:

*Passou, passou, passou,
Agora, agora, agora,
Passou ha bocadinho,
Inda não ha meia hora.*

Com effeito, passou por mim agora mesmo o conde de Lagoaça, todo apressado para o seu novo logar numa grande companhia de navegação. Tinha o aspecto solemne de pessoa que não estava muito resolvida a ir para o escriptorio jogar *piadas* hilariantes como aquellas que tiveram echo dentro da velha camara dos pares. Vem do Hotel dos Estrangeiros onde almoça e janta numa mesa proxima da do sr. Bernardino Machado, e eu que ainda lá almocei ha quatro dias com o meu velho amigo commendador Coe-

lho da Silveira e suas interessantes filhas, comprehendi que a distancia entre aquellas duas mezas do hotel, occupadas por dois portuguezes que mais proximos já estiveram ainda, quando na camara alta ambos se sentavam nas suas cadeiras de próceres, era bem maior que a dos dez ou doze metros que as separavam.

Ahi vem o cônego Senna Freitas, avelhentado, esbaforido, muito apertado na sua velha batina de séda, que não larga nunca, como desfóra talvez de nunca mais a poder usar ahi. Logo depois Balthasar Cabral, preocupado com a idéa da fundação, aqui, da Agencia do Banco Ultramarino. Parece vir lhe na peugada o Chaby, ainda radiante da sua noite de festa, em que viu reunida no *Apollo* toda a colonia portugueza que se présa. Não tarda muito que a Angela, ou a Jesuina Saraiva, ou a Palmyra ou a Cínira surjam de qualquer dos lados da Avenida. Pelas quatro e meia da tarde é certo despontar ali pela altura do *Jornal do Commercio* o conselheiro Camélo Lampreia, que sae a essa hora do *Cruzeiro*, a grande companhia de seguros de que é presidente, logar que hoje accumula com o de representante em todo o Brasil da Real Companhia Vinicola do Norte. Tem o ar satisfeito de um homem que se sente bem installado na vida. Traz impresso na physionomia o contentamento de ter feito publico o telegramma que recebeu do rei D. Manoel pedindo-lhe que transmitisse á colonia o desgosto que lhe causava a campanha a favor da *boycotage* contra os productos portuguezes. Ainda ha quatro dias no baile presidencial, por occasião do anniversario da Independencia, o antigo ministro portuguez no Rio, o amigo de D. Carlos e de João Franco, ostentando uma grã-cruz portugueza e alguns *crachats*, salientava o contentamento com que cumprira a ordem do rei expatriado, e nas physionomias dos que o cercavam eu li o applauso ás boas intenções do filho do monarcha assassinado, e ás palavras do seu logar-tenente, que lhes davam relêvo.

A fita cinematographica dos portuguezes que passam, que formam grupos, que conversam á porta da joalheria Delage, esquina da rua do Ouvidór, que se juntam á noite na cervejaria Brama, que se encontram pelos theatros, parece não ter limite. E' o dr. Navarro, antigo amigo de D. Manoel e do marquez de Soveral, é o conselheiro Barbosa dos Santos, agente financeiro, de tal competencia e seriedade que, apesar de toda a campanha contra elle, se mantém firme no seu pósto, é o Perestrello cujo valor foi aproveitado pela casa Orey Antunes, é o dr. José Tavares, antigo lente da Universidade de Coimbra, que está em via de partir para S. Paulo, onde vae ser advogado de uma grande companhia como lá o é de outra, ingleza, o dr. Teixeira d'Abreu, é o dr. Martins de Carvalho, antigo ministro franquista, que está na direcção de uma companhia e escreve diariamente artigos num jornal, é o Santos Tavares, que apesar da sua situação diplomatica não consegue vencer a nostalgia das palestras da rua do Ouro e das mezas do Martinho e não occulta o seu desejo mais intimo: voltar quanto antes para Lisboa, é o Manoel José da Silva, todo entregue á sua faina do Almanach Commercial Laemmert, hoje propriedade sua, e á faina, maior ainda, de entrar ahi um dia, triunphante, a honrar o seu nome e restaurar os seus créditos, é o agronomo Felix da Silva, filho do dr. Agostinho Lucio, que chegou, viu e venceu, porque dentro de poucos dias era nomeado, pelo governo, regente de uma escola agricola no estado da Bahia, é o dr. Urbino de Freitas, que mal tem tempo para attender no seu consultorio da rua Sete de Setembro a enorme clientela que o estafa e enriquece, a ponto de já ter comprado ha dias uma vivenda lindissima, tudo isso ainda assim dando-lhe tempo para recordar o caso tragico e notorio da sua vida e para manifestar a todos o maior desejo que hoje alimenta: não morrer sem conseguir a revisão do seu processo, é o dr. Albino Pacheco, que tem consultorio medico e conta, ao mesmo tempo, vasta clinica, e vastas sympathias, é o Arthur Brandão, em cuja cabeça fervilham ideias commerciaes, e em cuja *burra* tendem a apertar-se, até estoira-rem, as libras esterlinas que na pratica essas ideias produzem, do Lorjô Tavares não falo, em primeiro logar por que é amigo intimo, e em segundo por que é cunhado, e porque todas as referencias que eu fizesse á sua actividade, á consideração de que gosa n'este meio, e ao exito, por isso mesmo obtido, seriam apodadas de parcialidade ou favoritismo, é o dr. Silva Ramos, velho companheiro de imprensa, que se não fosse muito portuguez teria obrigação de ser muito brasileiro, visto haver ha 30 annos trocado a sua Coimbra e a sua Lisboa pelo Rio de Janeiro, onde é professor official e dos mais distinctos e cotados, é o Luiz Pereira, empresario da Palmyra Bastos, e abastado proprietario do *Café Java*, que diz só ter uma ambição: restabelecer-se a normalidade em Lisboa, primeiro porque é patriota, e depois, porque o theatro que está a

fazer defronte da Sociedade de Geographia pode ser uma *espiga* em vez de ser uma *pechincha*, é o seu secretario perpétuo, o nosso Fortes, que abunda nas mesmas ideias, é o Amelio de Barros que veio procurar no Brasil campo mais azado para arrojadas empresas, é o Eugenio da Silveira, que se tornou na imprensa fluminense o advogado de quantos para cá emigram, são alguns dos antigos portuguezes aqui residentes, com ascendente entre os nossos compatriotas, e que de quando em quando visitam Portugal e se demoram algum tempo em Lisboa.

Destaco entre esses o conde de Avellar, figura das mais distinctas n'este meio, e o visconde de Moraes, com cuja estima pessoal me honro devéras, o benemerito portuguez, que conquistou um grande nome e um grande prestigio á força de trabalho perseverante e honesto, e cuja fortuna colossal tem sido por vezes posta ao serviço de largas iniciativas, contribuindo em parte para o desenvolvimento material d'esta progressiva cidade, é um sem numero de artistas portuguezes que estão aqui espalhados pelo *Recreio*, pelo *Apollo*, pelo *Pavilhão Nacional*, pelo *S. Pedro*, representando as peças mais applaudidas ahi, e todas as companhias ganhando este anno rios de dinheiro, são enfim centenas de emigrados, e entre elles muitos padres, sobre os quaes se estende a protecção da Liga Monarchica e do cardeal Arcoverde, que lhes vae dar collocação, são todos esses portuguezes que giram, que correm, que param e que conversam, que discutem todos os assumptos, terminando sempre, sem o quererem, sem o sentirem, por aquelle onde todos elles vão dar, como ao mar vão dar os rios, por aquelle que em si contém o coração e o espirito, por aquelle que liga todos os pensamentos e para onde convergem todas as saudades, pelo assumpto capital, vasto e intimo, absorvente, não obstante para alguns ser ingrato, attrahente como um iman, apazar de ter pontas de fogo para muitos que o tocam, assumpto que abrange na sua orbita os amados seres que perdemos ou deixámos, cinco palmas de terra dentro dos nossos cemiterios, os brancos tetos que abrigaram os primeiros sonhos da nossa infancia, as verdes paisagens que na mocidade nos inebriaram os olhos avidos de luz, as ondulações suaves das nossas collinas, as pedregosas cumiadas das nossas serras, as vagas bravias dos nossos mares, as murmurasas correntes dos nossos rios, lagrimas que nunca se enxugaram, risos que mal despontaram se desfizeram, amôres que nos corações separados pelo oceano cravaram o espinho amargo da saudade, esperanças sem realisação, illusões que morreram, assumpto que sobre todos predomina, em que ao egoismo pessoal, á ancia do dinheiro e da fortuna, quer se queira quer não, se vê a toda a hora sobrepôr um aneio maior, mais fervoroso, porque vae n'elle toda a alma, toda a sinceridade, todo o latejar do nosso coração, toda a vibração dos nossos nervos, assumpto que invade os recessos mais profundos do nosso sentir, que nos escravisa a ideia, que como uma oppressão nos tem ao seu mando, assumpto despotico e ao mesmo tempo amado, reprocurado com mais fervor até por aquelles que uma ou outra vez tentam evital-o, assumpto dominante que é a synthese da nossa existencia inteira, assumpto que não pôde tratar-se sem que a alma fale, sem que o sangue estire mais forte, sem que a paixão trasborde. Esse assumpto é a anciada paz, a anciada felicidade da querida patria ausente.

Rio, 11 de setembro de 1912.

JAYME VICTOR.

DO «LIVRO DOS CANTARES»

Andam as aves aos pares
A namorar-se, em descantes:
São como as aves cantando
Os corações dos amantes,
Ralha comigo o abbade
Por cada vez que te vejo...
Os curas nunca souberam
As curas que faz um beijo!

MARCELLINO DE MESQUITA.

Não ousamos dizer em publico que não temos defeitos e que os nossos inimigos não teem nenhuma qualidade boa, mas em particular é essa a nossa opinião.

Bulhão Pato e a Critica

(Excerpto d'uma carta á Senhora D. Branca de Gonta Colaço)

Minha Bôa Amiga:

Da janella do quarto onde te escrevo, n'este dia de outomno temporão, rasga-se a scenographia bem colorida do valle do Jamor.

Na vertente d'além rio, — um rio de pedregulhos mal avindos entre si n'esta quadra do anno — que defronta este miradouro occidental, assenta Linda-a-Pastora. Lá está a casa da familia



Hemeterio Arantes

Verde: uma construcção longa e fria com seu rodapé de oca, tendo ao centro um corpo solitario de dois pavimentos o ultimo dos quaes munido d'uma saccada, onde á minha imaginação apraz vêr, envolta n'um sudario de morte, a silhoeta esmaecida pela febre do grande e ephemero Cesario — o poeta da côr, uma especie de Eça rimado... A seguir, a «casa da brasileira»: telha de Marselha, persiannas e muro com ameias de argamassa... Depois, o massiço do casario da aldeia onde o nosso bom G... — esse inestimavel funcionario — conseguiu introduzir a progressiva e esthetica instituição do chalet de berrantes telhados ponteagudos, em rapidos declives, por causa das grandes massas de neve, que assolam estas paragens nos mezes hybernaes... A' esquerda, fechando a orla do horizonte, o forte de Caxias, amarello e mazorral como um artigo-de-fundo e, por contraste, á direita, n'um plano mais distante, assentando sobre uma crista azul e destacando-se n'um fundo de bruma a cartonagem castellã da Pena que, como sabes, é toda uma idade-media... de folhetim.

Propriamente, no valle, a meus pés, onde, no tempo das chuvas, cascalha o Jamor os seus pedregulhos de hoje e as suas aguas barrentas d'amanhã, só a quintarola do Balteiro conserva o typo tradicional da casa portugueza, na asymetria da construcção e sua nóra mourisca isolada sob um telheiro, o todo cintado por um verde e pingue laranjal que, em cada anno, permanece um e mais dias inundado quando o rio, n'um devaneio bem comprehensivel, se permite a arrogancia — ao mesmo tempo bemfazeja e arrelhiadora — de saltar do leito n'uma desenvoltura de caudal... de lama. Com certo esforço, ainda da minha janella, a perder-se, á direita, na curva de Carnaxide, se pôde ver um angulo de frontaria da Rocha — d'esse templo que foi obra de teu pae e a que elle tantos affectos e tanta dedicacão consagrou.

Foi n'este enquadramento que vocês passaram uns tempos da vossa meninice e que Thomaz Ribeiro compoz muitos dos seus versos nos lazeres que a politica e os politicos (que, então, o tinham empolgado fortemente) lhe deixavam e que foram, em todas as conjuncturas da sua vida, os momentos que elle mais apreciava porque mais juntos sentia coração e cerebro baterem unisono a cadencia suprema da *razão de ser*...

Aquella «Casa Branca» de Carnaxide, quando eu a conheci — vae em vinte annos — como que escondida entre laranjeiras, com suas ruellas ensaibradas por onde vocês brincavam — tu, com certa siudez nostalgica, a Irene na exuberancia communicativa dos sete annos mais loiros e rosa que alguém possa imagi-

nar — era bem um ninho de creaturas d'eleição, proprio a formar caracteres, a desenvolver engenhos, a preparar uma vida mais alta e melhor.

E assim como d'um pequenino frasco de essencia cara se evolva um perfume subtil que a muitos aproveita e que a muitos delicia, permanecendo a lembrança d'esse perfume quando, com o tempo, elle se evolou de ha muito, assim tambem a memoria d'essa «Casa Branca», pequenina e modesta, hoje ampliada por successivos possuidores, não se perdeu de todo n'estas paragens, onde, é forçoso confessá-lo, impéra o culto alto do civismo hodierno avesso a tradições de gentileza ou de reconhecimento.

Teu pae, com a sua influencia, conseguira desbravar este matagal de caminhos pedregosos e cortára-o de estradas lisas; delineára, junto ao templo, um jardim com sombras carinhosas; chamára os poderes do Estado, os seus amigos, os simples conhecidos a virem admirar a transformação operada. Em seu parecer e na sua propaganda d'estes sitios, não havia rincão mais deleitoso

recas de microcephalos tontinhos! Dir-se-hia que um vento de aridez de deserto crestou as faculdades criticas e imaginativas dos nossos plunitivos — vento que parte da tumba de Fialho, da ausencia de Ramalho, do mutismo de José Pereira de Sampaio; vento symbolico do que quer que seja como o estrebuchar d'uma nacionalidade por esgotamento de ercephalo e concomitante accrescimento de fereza.

Ai! como se enganou Junqueiro quando, logo depois da implantação do regimen de 5 de outubro, conclamava que feita a revolução, prosperas as industrias, alargado o commercio, refeitas as finanças, a sciencia mandando em homens libertos, iguaes e fraternos, n'uma palavra, quando o pactolo das venturas collectivas estendesse o seu prodigioso nateiro sobre esta terra remoçada á grande luz e calor do Sol da Liberdade, então (referindo-se aos poetas) *então podem cantar os rouxinoes!*

Eu não sei se o glorioso auctor dos «Simples» já ouviu, depois do seu hyperbolico dizer patriotico, alguma d'essas poeticas aves.

No «Jornal do Brasil» (Rio de Janeiro)

Exposição de quadros do pintor nacional Helios Seelinger



Ao centro o sr. Presidente da Republica, marechal Hermes da Fonseca, tendo á direita o sr. Jayme Victor, director do «Brasil-Portugal» e á esquerda o pintor Seelinger

na orla da capital do reino. Entre outros, vieram a Carnaxide e á Rocha e foram hospedes na «Casa Branca» o rei D. Luiz, Fontes Pereira de Mello, Camillo Castello Branco — um rei pelo sangue, um rei na politica, um rei das letras, cada um, no seu genero, bem acabados typos de proceres e que deixaram memoria alta de si.

Eu não sei quem visita, hoje, Carnaxide. . .

Pois foi, justamente, quando d'esta janella occidental eu ia contemplando a paizagem larga, por este dia outomniço de fins de agosto e ia mentalmente revendo as breves lembranças, que acabo de te escrever, que me entregaram os jornaes onde se lêem coisas sobre a recente morte do poeta octogenario Raymundo de Bulhão Pato.

Que lamentavel carencia de elevação, de conceito e de fórmula não ressumam todos esses artigelhos chatos, escavados como ca-

Eu não tenho ouvido senão sumidos pios d'alguns pardaes de telhado. . .

Em boa verdade, Bulhão Pato tem, nas letras patrias, um lugar que mais lhe concedeu a sua lenda de cosinheiro e caçador, a convivencia com Herculano e Garrett, o ter atravessado uma longa e honrada vida n'um meio e n'uma quadra onde não escassearam espiritos de eleição e, sobretudo, o seu feito pessoal inconfundivel de impenitente romantico que resvala, da indiferença ou do esquecimento dos homens-do-poder, n'uma thebaida sobranceira ao mar, do que propriamente da contribuição poetica que legou ao seu paiz.

O Pato foi um poeta certamente, foi mesmo um bom poeta; mas ficou muito áquem do que um estadío litterario pode com justiça chamar o seu poeta e só a esse deve caber as consagrações geraes que são como que o luto d'um povo inteiro.

Tendo começado a poetar no periodo convencionalmente chamado «Ultra-romantismo», que se caracterisava pelos productos da imaginação pura, alheios a qualquer verdade historica, mas revestidos das roupagens da historia, tocados fortemente por um sentimento ou, antes, uma *sensiblerie* por demasia affectada, isto é,

postica, com bastos pontos de vista byronianos e toques de Espronceda, Bulhão Pato escreve a Paqueta. Versos faceis, por certo, mas nada mais

Cingindo-se a Musset, a sua obra fica um *pastiche* do auctor de Rolla e de D. Paez, sem aquelle *quid* que vincava leoninamente a obra do grande modelo, aquella *Nuit d'Octobre* capitosa, immortal, por exemplo...

Tendo passado, na orbita da sua vida litteraria, entre outras, a forte corrente parnaseana, para que se não requeria nem imaginação, nem sensibilidade, sendo antes característica da escola occultar esta ultima — *Os impassiveis* — Pato não quiz ou não pode aproveitar-lhe a impecabilidade da fórma que fez dos poemas de Banville, dos dos seus continuadores e entre nós, por exemplo, dos de Gonçalves Crespo ou do Conde de Sabugosa verdadeiros modelos, joias escriptas com buris de Benvenuto Celini.

Portanto, nem imaginativos, romanticos, como ogivas de castellos medievos, nem formaes como frisos do Parthenon, onde está

testar contra a lei Teixeira d'Abreu e se quedou perante a maior affronta que de ha muito tem soffrido o pensamento em Portugal com o decreto sobre liberdade de imprensa do governo provisorio do regimen existente?

Paz á sua alma!

Alonguei-me, sem dar por isso, ao correr da penna, sobre a individualidade litteraria de Bulhão Pato, quando o meu intento era apenas dar-te uma rapida impressão do contexto dos artigos que celebram a sua obra e pranteam a sua morte.

Em todos esses escriptos, com mais ou menos propriedade, se falla em *epoca* litteraria, em vultos litterarios, citando-se varios nomes, entre elles os de Antonio de Serpa, Mendes Leal, João da Camara e outros.

Nenhum d'elles cita, nome de Thomaz Ribeiro.

Centenario das Côrtes de Cadiz



A missão da Argentina, que vae assistir ás festas do centenario, de passagem por Lisboa

Da esquerda para a direita: madame Alcorta, dr. Figueiredo Alcorta, ex-presidente da Republica Argentina, madame Sagastume, esposa do ministro argentino em Lisboa, o secretario da missão e o ajudante do dr. Alcorta

(Phot. de ***)

o valor supremo d'estes versos que poucos leram, que menos ainda fixaram e que rarissimos podem reproduzir de cór?!)

Bulhão Pato — que sobreviveu demasiadamente, e para elle infelizmente, a si proprio, porque teria evitado fundas decepções que lhe amarguraram os ultimos dias de vida — se tem morrido ha meia-duzia de annos, não teria os necrologios pomposos e idiotas que lhe dedicaram; mas, á sua ultima morada, acompanhál-o-hiam uns tantos amigos e admiradores da sua honrada memoria de homem e da sua obra de poeta. Seria uma homenagem sincera e justa.

Mas como elle morreu, depois de se ter associado com a sua presença romantica (a que não faltava um garbo natural e sobrava a aureola que os cabellos brancos longos e sedosos concedem) a um passeio liberal ao parlamento, a protestar contra a lei de imprensa do ministerio João Franco — d'ahi tantos entusiasmos e tantas gloriolas, quites os glorificadores a deixal-o morrer de fome.

São assim os homens; não parece que os cães sejam assim...

Emfim, elle lá está na terra do Além e não serei eu quem vá perturbar a sua quietação perguntando-lhe porque é que foi pro-

Esquecimento? Ignorancia? Proposito?

Talvez tudo junto, n'uma hybrida e quasi impossivel conjugação. Seja como fór, uma grande miseria, uma rascoeira miseria.

Não é que a sua memoria tenha a ganhar ou a perder com o que d'elle pensem e digam semelhantes Plutarcos e semelhantes Zoilos; mas é que uns e outros, manifestando olvido, insciencia ou má-fé a proposito d'uma individualidade que tão alto se collocou, pela sua obra e pelas lutas a que deu causa, na nossa litteratura, não deixaram por isso de ser, na sua qualidade de jornalistas, os mentores d'uma geração que precisa conhecer a historia do seu paiz. Ora, esta gente a fazer historia é um perigo; e é isto o que me dóe.

Bulhão Pato e Thomaz Ribeiro são da mesma geração, um nasceu em 29, o outro em 31. Atravessavam os mesmos periodos litterarios embora se distanciassem pelos meritos e pela posição social.

O apparecimento do *D. Jayme* foi um caso retumbante na sua epoca: as edições multiplicavam-se, não contando com as varias contrafacções. Não houve, em Portugal e no Brasil, quem soubesse

lêr que o não lesse e alguns, muitos, dos seus trechos tornaram-se populares — o que constitue a suprema consagração do poeta — e mereceram inúmeras parodias. Manuel Roussado parodeou-o na integra. Ora, a parodia é a caricatura da linguagem, é a ironia

um colorido, um regionalismo, um pittoresco, uma pujança de metrica que nós não conhecíamos, tratando um assumpto de phantasia, n'um periodo em que as ideias ibericas faziam o seu vôo pe-riodico no sólo da patria.

VIAJANTES ILLUSTRÉS



O dr. Oscar Teffé, ministro do Brasil na Bolívia, de passagem em Lisboa

Da direita para a esquerda: Belford Ramos, dr. Oscar Teffé, madame Belford Ramos, Madame Teffé e Luiz Trigueiros

e ninguem se dá ao trabalho de caricaturar, de parodear, de ironisar o que não tem uma grande evidencia — em ultima instancia, a ironia levada a este ponto é uma consagração. Guilherme Braga, outro eleito das musas, faz um livro inteiro, em verso, descalçado sobre a *Delfina do Mal*, *A Judia* teve bastas parodias, uma d'ellas (ocorre-me agora) d'um poeta portuense intitulava-se a *Musico-grapha* e destinava-se a descompôr uma cantora do lyrico:

Porque em lugar de tantas arias pôdres
Não nos dás tu ôdres de Chateau-Margot...

Tudo isto não impede que se não goste ou se não critique a obra de quem se poz em evidencia, mercê do seu esforço, do seu valor real e de circunstancias que concorreram e que não foram creadas *ad hoc* para produzir efeitos de *réclame* ou de livraria, como tanta vez succede...

Assim, o *D. Jayme* deveu parte da sua aura inicial á *Conversação Preambular* que, sendo as peiores paginas do volume, desencadeou uma tormenta que mais celebre tornou o poema e o seu joven auctor.

Anthero, o divino o insuspeito Anthero, n'uma carta dirigida a Bernardo Lucas, a proposito do seu livro de versos, escrevia — já lá vão perto de 30 annos — que, em Portugal, na actualidade, se tinham escripto dois poemas merecedores de especiaes referencias, *D. Jayme* e a *Morte de D. João*.

O Martinho e as esquinas da Havaneza, quando os livros de Michelet, de Quinet, os versos de Hugo vieram fomentar a chamada Escola de Coimbra, resolveram do alto da sua competencia riscar do seu commercio espirital tudo quanto não trouxesse a marca da nova lei e succedeu esta coisa intolerante e macabra: fazer critica, á maneira de Theophilo, actualizando a Historia.

Esqueceram, olhos vendados pelo sectarismo, que o *D. Jayme* foi um marco milliarario na *étape* litteraria que a mente portuguesa, na sua marcha continua, acabava de cravar no sólo. Elle tinha

Eu não tenho lembrança de que, depois do *D. Jayme*, alguém cantasse com mais internecido disvelo a terra portuguesa.

Porque este esquecimento, esta ignorancia, este proposito no



Infanta D. Maria Thereza, irmã do rei de Hespanha

(† em Madrid a 23 de setembro de 1910)

A fallecida Infanta, cujo nome era Maria Thereza Isabel Eugenia Patrocinio Diego, nasceu em Madrid a 12 de novembro de 1882 e era casada com o principe Fernando Maria da Baviera de quem teve quatro filhos, o ultimo dos quaes, uma menina, tinha nascido ainda ha poucos dias.

Sua Alteza falleceu em consequencia de uma embolia, ao levantar-se da cama, pela primeira vez, depois do parto.

VIDA ELEGANTE

Nas Caldas da Rainha



«Garden-party» no Parque das Faianças — A comissão que o offereceu — 1.º plano: dr. Adolpho Talone da Costa e Silva, dr. José de Barros (Alvellos) e Eurico de Moraes. No 2.º plano: dr. Augusto Queiroga Valentim, Thomaz Reynolds, Augusto Machado, dr. Alexandre de Vilhena, D. Jorge de Menezes, commendador Jorge de Almeida Lima e Barão de Almeirim.



NAS CALDAS DA RAINHA — «Garden-party» no parque das Faianças — Um grupo de senhoras: D. Maria do Rosario da Costa (Mesquitella), D. Fernanda Affonso de Lencastre (Louzã), D. Maria José e D. Anna de Barros (Alvellos), D. Maria de Lourdes da Costa (Mesquitella), Viscondessa de Alvellos, D. Maria Fernanda Netto Affonso de Menezes, D. Adelaide Cardoso da Costa (Mesquitella) e D. Maria Manuel Bossa.

(Clichés da Phot. Parisiense — Caldas)

silencio sobre tamanha individualidade, quando se memora a quadra litteraria em que elle pontificou?!

Seria, acaso, porque Thomaz Ribeiro se tivesse comprometido na *trampa de los anticipos*, como dizem os hespanhoes?! Não!

Seria porque mettu os braços até aos hombros no erario publico?!
Tambem, não!

Seria porque não foi um liberal convicto e praticante?



NAS CALDAS DA RAINHA — A tarde em Alfeizerão — *Um aspecto por occasião da comida, vendo-se as sr.^{as} D. Sophia Machado e D. Maria José de Barros Lima Salgado, mesdemoiselles Reynolds, Cunha e Menezes, Machado, Louzã e Burnay e os srs. Guilherme Salgado, Joaquim Piçarra, Alfredo Anjos (Fontalva), Antonio de Queiroz Andrada, D. Ruy da Cunha e Menezes, etc.*

Pois a instituição do Registo Civil, em Portugal, não traz o seu nome?!
Pois não foi elle o creador dos Tribunaes dos Arbitros Avindores?!
Então porquê?!
Porque nunca fez causa commum com os inimigos do regimen que servira, usando da velha lealdade portuguesa que era seu apanagio e ficou a sua mais pingue herança. Porque se devotára á familia do rei da qual apenas recebêra considerações que, aliás, lhe eram devidas como procere do reino, como antigo ministro, como academico insigne e como fidalgo de maneiras e póрте que o não houve mais bello no seu tempo.

Ora, isto, minha bôa Branca, não se perdôa nos tempos que vão correndo — é demais para uma pessoa só...
Se não fosse, já agora, logar commum de mau gosto citar Herculano, dir-te-hia que *Isto dá vontade de morrer*. Não o farei, porém, consolando-me da decepção beijando-te as mãos.

Linda-a-Velha, 30 de agosto de 1912.

(Das *Cartas Amargas* em preparação).

HEMETERIO ARANTES.

PENSAMENTOS

Vangloriamo-nos dos defeitos exactamente opposto aos que nós realmente temos; assim é que os irresolutos se orgulham de que os tomem por obstinados.

Quaesquer que sejam as diferenças que a sorte reserve aos homens, ha sempre uma compensação entre o bem e o mal que faz todos eguaes.

A VIDA ELEGANTE

Nas thermas e praias

A agua das Caldas foi em todos os tempos de miraculosos efeitos, tendo a sua fama conseguido enraizar-se nos espiritos, em termos de ser considerada como remedio eficaz para todas as doencas, sem exclusão d'aquellas que aparentemente não devem ser facilmente curadas pela intervenção de simples meios therapeuticos.

D'um bohemio que teve em tempos não distantes a sua hora de risonha celebridade, conta-se que dizia uma tarde a certo amigo que o interrogára sollicitamente sobre a causa proxima, ou remota, da sua evidente tristeza:

— Estou muito doente, visconde, muito doente!

E o outro, compassivo, embora um pouco desconcertado com o aspecto de saude que o queixoso apresentava, exclamou:

— Homem! Pois ninguem dirá... mas... que tem você, de que soffre?

— Meu amigo, meu grande e provado amigo! Soffro... d'uma algibeirite aguda, agudissima!...

Então o visconde, já risonho, disse abrindo a sua carteira da qual surgira resplandecente ante o olhar deslumbrado do *enfermo*, — como n'uma apothese de magica, uma nota de vinte mil réis:

— Isso não é nada. Ponha no sitio doente este sinapismo e verá que fica fino! E, para completar a cura, você vae amanhã á tarde commigo para as Caldas!

— Oh, meu salvador! Então parece-lhe que...

— Agua das Caldas, meu amigo, afirmou convicto o visconde, antegosando o prazer da companhia, sempre alegre, que arranjára para matar a sensaboria da estação thermal: agua das Caldas! Cura tudo!



NAS CALDAS DA RAINHA — A tarde em Alfeizerão — *Um aspecto da mesa, vendo-se nos primeiros logares os srs. Augusto Machado, Dr. Carlos Tavares, sr.^{as} D. Maria da Encarnação Lopes, D. Arminda Machado da Costa e Silva, Viscondessa de Alvellos, dr. José (Alvellos), dr. Adolpho Talone, Eurico de Moraes, sr.^{as} D. Maria Augusta de Moraes e D. Marieta Pereira de Carvalho.*

(Clichés da Phot. Parisiense — Caldas)

— Mesmo, a falta de dinheiro?!
— ... tudo!

Effectivamente o bohemio foi para as Caldas da Rainha no dia seguinte com o seu benemerito visconde; e de tal modo e com tanta persistencia seguiu o regimen thermal, quer sob o céu de

elegancia, de garbo, de *souplésse*, um amor de peralvilho das praias!

— Oh a agua das Caldas, cura tudo, tudo!...

E' o que se está vendo!... Ou pelo menos, é o que se está lendo nas chronicas mundanas, onde se registram, dia a dia, as multiplas diversões que alli vão ali-geirando os dias aos buliçosos acquistas. Nem ha tempo, quasi, para mudar de *toilette*; de modo que não seria caso para justa admiração ver entrar um cavalheiro na sala do *Club*, de sapatos de *tennis*, calção de *foot-ball* e *smocking* de valsista, de *raquette* na mão esquerda e offerecendo galhardamente a mão direita á dama dos seus pensamentos — para uma voltasinha na sala ao som ultra suggestivo da valsa da *Viuva Alegre!*...

Vida elegante



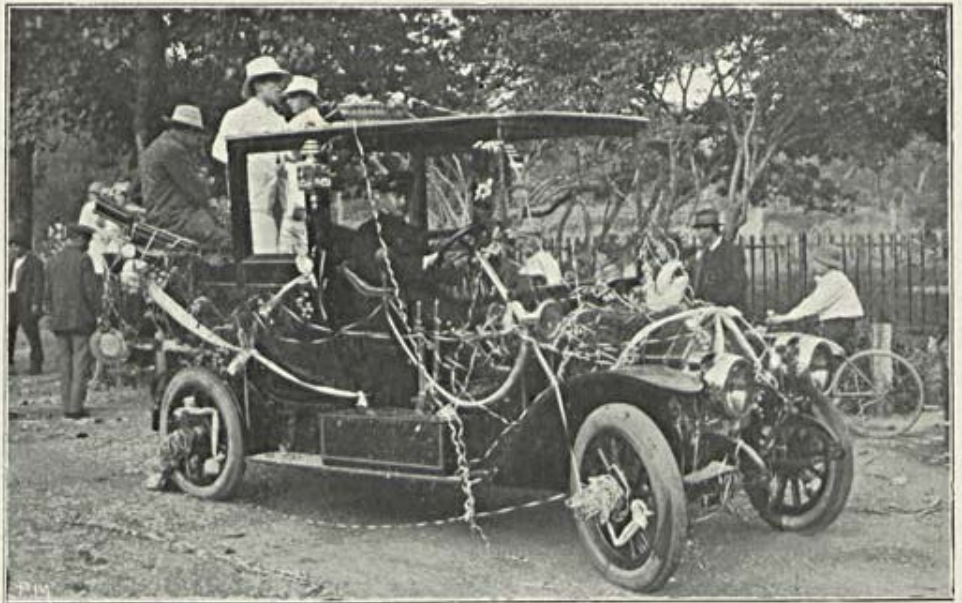
NA GRANJA — Batalha de flores — Em frente da Assembléa — A carruagem da sr.^a Condessa de Castro e a charrete do sr. Alvaro Pinto de Miranda. Na primeira vêm-se mesdemoiselles Andressen e D. Maria Augusta de Sampaio Forjaç, na segunda D. Maria de Lourdes Amaral e D. Maria d'Almeida e Brito.

vidro, quer sobre o *tapis vert* da roleta, que ahí pelas alturas de setembro, exclamava nedio e féro, de carnes — e de bolsa:

— Oh, a agua das Caldas! Cura tudo, tudo!...

Eu não afirmo que tão apregoadas virtudes subsistam para os casos como o que fica registado; mas, tenho de constatar imparcialmente outros phenomenos não menos dignos d'um regimento de pontos de admiração, como guarda de honra ao provavel commentario. Exemplo: vae uma pessoa para as Caldas da Rainha todo côxo, na verdadeira acepção da palavra... Chega, pallido e gemebundo, larga as malas no hotel, limpa-se da poeira; e não sóbe a escada do *Club*, porque essa mansão de prazer a tanto por mez, fica ao rez-do-chão, como convem aos provaveis invalidos que tenham de a frequentar. No salão, dança-se animadamente; ao piano, uma dama executa com brio e alto relevo artistico, *suppunhamos* — que não custa nada, uma valsa qualquer. O doente, ouve, espreita, agita-se. Começa o effeito das Caldas. Na noite seguinte já entra no salão e se calhar permite-se o luxo d'um esboço de *flirt*... E' das Caldas. N'outra noite, falla vagamente na sua antiga paixão pela dança. Continua o effeito das Caldas a pronunciar-se; na seguinte desanda a valsar como um doido! E prompto! Triumpharam as Caldas!... Esta valsa é o inicio d'uma nova era de bulicio, de agitação, de vida para o enfermo. Succedem-se as *soirées*, as burricadas, os *pic-nics*, as recitas de amadores com as competentes estafadeiras dos ensaios, e o nosso amigo que chegara *todo côxo*, phisicamente, surge a breve trecho *todo côxo* sob o ponto de vista de

mundanas da Granja, registraram uma batalha de flores e um lindo baile *costumièr* realçado pelo brilho e graciosidade de algumas danças antigas, de tal modo encantadas e com tanto rigor historico de aspectos, que á numerosa e distincta concorrência que enchia o salão da Assembléa, ficou a deliciosa impressão de haver assistido



NA GRANJA — Batalha de flores — O automovel do sr. Eduardo d'Oliveira

á ressurreição de alguns d'esses encantadores episodios, que aos nossos olhos deslumbrados offerecem os quadrinhos de Watteau e as lindas gravuras que fixam os triumphos da velha galanteria.

Parabens aos felizes que tiveram a doce ventura de gosar despreocupadamente, tantas horas de puras alegrias.

Ao leitor do *Brasil-Portugal* que de sociedade com o cronista teve de saber de todas essas brilhantes diversões como succede a algumas testemunhas em processos vulgares, — por ouvir dizer, fica ao menos a satisfação de poder fazer uma ideia mais segura das festas, pelas photographias que hoje aqui se publicam, mercê da fidalga amabilidade de dois amigos valiosos e pelo visto nada egoistas, que a nossa revista conta n'esses centros de prazer mundano.

Algumas semanas mais e a estação balnear estará finda. As

Mestres velhos

II

Na aula de cantochão, nunca o endiabrado João Rodrigues conseguira modular uma antífona.

Este canto horrorisava-o.

O cantochão, para a sua alma de artista, abrasada num moderno idealismo religioso, era a negação de toda a harmonia, de toda a prece.

Antes uma família de corujas sussurasse, na Igreja, beberricando o azeite do Santíssimo, que um bando de frades vozeasse o latim do côro, sorvendo o rapé da ordem.

Um ninho de pardaes novos piando, ao ar livre, num curucheu da Sé, dava mais gloria a Deus que as larynges metalicas dos meninos do côro, latindo *amens* aos pés dos senhores conegos.

Umaz vez lembrava-lhe o terror millenario cantado por um tubo de lata velha, outras vezes um fado triste de cemiterio, eficaz talvez em despertar saudades nas carnes roidas dos vermes, dissonante e desagradavel em louvar a Deus — o Supremo Artista.

A um condiscipulo que, um dia investigava as origens do cantochão, disse João Rodrigues, faceto:

— Afferrolha, numa cella escura, a jejum de pão e agua um gordo frade Bernardo e colloca-lhe, perto, um disco de gramophone...

— A oitavo dia, tira o gramophone, e ahi tens o cantochão.

— Mas se assim é — interrogou o condiscipulo — que destino ha-de dar-se a este canto?

— Modernamente, só conheço um: adapta-lo ás sereias dos automoveis.



NA GRANJA — Batalha de flores — O carro da sr.^a Condessa de Castro

andorinhas começam a ensaiar em largos vôos a sua retirada indicadora de que o inverno se avizinha arrastando o seu roçagante manto de neve, matisado de folhas amarellecidas. E as andorinhas — da elegancia, por egual se aprestam para o regresso, accumulando no fundo das mallas as flôres sêccas, os *carnets de bal*, as marcas de *cotillon*, os bilhetes perfumados onde uma palavra fugitivamente traçada vale todo um poema de quinhentas estancias!... E afinal, a tantas recordações, talvez recitem apenas esta oração funebre:

— Não foi másinha a temporada! O que haverá no inverno?!...

LUIZ TRIGUEIROS.

Em teus olhos, moreninha,
Ai! um dia tropecei;
Mas ao cair, não sei como,
Nos teus braços me encontrei.

Tal doçura achei na queda,
Que em toda a vida, Deus queira,
Não tropece d'outro modo,
Nem caia d'outra maneira.

FERNANDES COSTA.



NA GRANJA — Batalha de flores — O carro de mesdemoiselles Gomes (D. Aurea e D. Alice)

Muito teriamos que nos envergonhar das nossas melhores acções, se se soubessem os motivos que tivemos para pratical-as.

Os maiores defeitos são os dos grandes homens.

O indisciplinado seminarista era de uma ironia cortante e feria radicalmente, a golpes de riso, os mestres que haviam tido a má sorte de reger cadeiras, cuja utilidade elle não podia explicar.

Mas nas aulas que mais o seduziam e interessavam, assumia, por vezes, uma attitude séria que os condiscipulos lhe admiravam.

Um dia, já nos fins do anno lectivo, o mestre de litteratura, um abbade vermelhissimo e enxundioso, chamara-o á lição.

Tractava-se de Alexandre Herculano.

— O sr. João Rodrigues queira-me dizer alguma coisa sobre o *Azeiteiro*?... — começou o professor depondo, com tedio, o lapis na pauta.

— O *Azeiteiro*?... Não conheço. . . — respondeu com indignação mal represada.

— O *Azeiteiro* de Valle de Lobos . . . — regougou o mestre, com enfado.

— Ah! Alexandre Herculano?...

— Sim, esse — o *Azeiteiro*.

— Herculano — começou João Rodrigues mordendo os labios — foi o maior homem de bem do seu tempo.

— Que é lá isso?! que é lá isso?!... Um homem de bem um reles mentiroso que escreveu contra o clero?!... .

— Um mentiroso que foi o nosso primeiro historiador... .

O professor ergueu-se, a tremer, da cadeira, apoplectico, vindo para junto do alumno, dissimulando os punhos cerrados nos bolsos da batina larga.

Tanta admiração lhe merecia Caligula dignificando um cavallo, como Napoleão enthronisando a familia. Tam benemerito era Nero, embriagado, a festejar amantes com incendios, em Roma, como Bonaparte, rodeado de marechaes-lacaiois, abrasando a Europa a tiros de canhão.

A historia não era, para elle, a mestra da vida, mas a mestra da prostituição. Era tam imprudente meter um compendio de historia nas mãos de um estudante, como entregar uma creança á direcção de uma prostituta.

Que narrassem os factos guerreiros, desculpando-os com a barbarie dos tempos, mas não lhe chamassem ainda feitos heroicos.

Nesse dia, João Rodrigues, escutado, attentamente, pelo novo professor, concluiu o ataque contra o compendio, declarando que o deixaria, em testamento, á sociedade futura para o queimar na hora em que a guerra fôsse exterminada.

— Mas quando acabarão as guerras? — perguntou-lhe o professor num sorriso indulgente.

João Rodrigues, curvou a fronte, pensativamente, enquanto os condiscipulos sorriam do embaraço.

Depois ergueu-a com nobreza e serenidade.



NA GRANJA — Representação da comedia o «*O Pretexto*» de Daniel Riche — Da esquerda para a direita: Conde da Figueira (D. Luiz), D. Beatriz Ayres de Gouveia Alcoforado, D. Maria Augusta Alvares Pereira de Sampaio Forjaz, D. Antonio Alvares Pereira de Sampaio Forjaz, Cypriano d'Almeida e Brito e D. Laura de Brito e Cunha.

— Um historiador que negou o milagre de Ourique?! Diga um novellista, um romancista... .

— Tambem um romancista que deu, á litteratura do seu paiz, os primeiros romances historicos honestos... .

Foi como se, na sala, estalasse um anathema, vindo do ceu num terrivel trovão.

— Honesto! Honesto um homem que atacou o celibato ecclesiastico!

Approximou-se-lhe, com indignação e valentia, puxando o rapozote pela gola forte da capa.

— Isto é de mais! Fóra — ponha-se fóra, logo falarei com o sr. Vice-Reitor... .

E atirou-o, violentamente, fóra da aula.

Quando sahiamos, encontrámo-lo muito acartinhado n'um angulo escuro do claustro.

Tremia e viam-se-lhe lagrimas nos olhos.

E logo, por seu mau destino, d'ahi a momentos, o chamavam, á licção de historia.

Nesta aula, porém, regida por um moço novo, bacharel fresco, chegado de Coimbra, a discussão era livre e as lições tornavam-se interessantes. Para João Rodrigues, todas as guerras, denominassem-se punicas ou crusadas, eram criminosas e repugnantes, e os seus primeiros heroes eram os seus primeiros bandidos.

— Quando os padres e os professores quizerem!... . respondeu muito palido.

Mas João Rodrigues exgotara o calix.

No primeiro correio do dia seguinte o Vice-Reitor recebia n'uma encomenda postal, um cabeção e sotaina.

E nunca mais tornámos a ver o excommungado João Rodrigues.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

Quem dá ais, ó rouxinol
Lá para as bandas do mar?...
E' o meu amor que na cova
Leva as noites a chorar!...

O' meu amor, dorme, dorme
Na areia fina do mar,
Que antes da estrella d'alva
Contigo me irei deitar!...

GUERRA JUNQUEIRO.



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XIII

O que nos disse um «bruxo»

Aproxima-se a epocha parlamentar (apezar de ainda estarmos longe do dia 2 de dezembro marcado pelo artigo 11.º da Constituição para a abertura do Congresso), porque o poder executivo fundado na disposição que lhe confere a lei básica da Nação, resolveu convocar para novembro proximo (a 15.º dizem) a verborreia nacional, á razão de 30333 réis diários por cada representante do fallecido directorio.

Esta noticia já ha muito que vem circulando na imprensa de Lisboa, parecendo estarem definitivamente assentes, quanto a este ponto, as intenções do governo.

A importancia que terá para a vida politica portugueza a abertura das Camaras é evidente, porque uma vez em ebulição o parlamento logo todas as paixões que actualmente se encontram em feroz somnolencia, despertarão para lucta aguerrida — lucta de vaidades e ambições, nordeadas pelo egoismo do mando — donde hão-de resultar profundos choque no nosso organismo social.

O que irá succeder logo que na arena da palavra se apresentem os gladiadores das diversas fracções partidarias?

Esta pergunta não é de facil resposta. Mas com um pouco de boa vontade talvez se consiga satisfazer o que de mysterioso encerra essa interrogação.

Ora foi precisamente para obter esse resultado que nós fomos procurar um *bruxo* do nosso conhecimento, cavalheiro de largas tradições adinhadoras e que sempre acerta em previsões futuras.

Esperámos pela meia-noite (zero segundo o sr. senador Nunes da Matta) e dirigimo-nos para as regiões mysteriosas onde habita o amigo *bruxo*.

Não pensem os leitores que este vidente é qualquer barbudo d'aspecto repugnante, infundindo terror. Nada d'isso. A civilização e o progresso tem-lhe merecido a melhor attenção não só quanto á sua cuidada figura que acompanha as evoluções da elegancia moderna, como tambem no scenario cabalístico do seu laboratorio, onde o tradicional gato preto e a caveira esburgada foram banidos, para dar logar a *influencias* de mais agradável aspecto e de não menor poderio mystico.

Depois de nos fazermos annunciar, esperámos uns breves minutos n'uma sala toda azul, onde em telas de grandes dimensões se destacavam figuras de colossal grandeza. Olhamol'as n'um instante; e n'esse rapido golpe de vista uma fita immensa de coisas idas prepassou como no turbilhão d'um sonho...

— Coisas carunchosas do passado. Não demore n'ellas a sua attenção e... queira entrar — exclamou o *bruxo*, afastando gentilmente o reposteiro d'uma sala contigua.

Entrámos. Alli tudo era vermelho.

— Aqui é...

— A sala do presente.

Exposemos o fim da nossa visita.

— Uma consulta então sobre o futuro...

— Sim. Desejamos saber a sua opinião sobre o que será a proxima epocha parlamentar.

O *bruxo* reflectiu um instante. Em seguida vendou-nos os olhos com uma cassa fina que mal nos deixava divisar o vulto das coisas em redor, recitando baixo:

— Pó de senadores, pó de deputados
Tudo bem batido, tudo misturado,
Com Affonso e Brito e mais Antonio José,
No quadro negro dae o resultado.

— Repita tres vezes — ordenou-nos o *bruxo*:

— No quadro negro dae o resultado, repetimos nós.

— E agora, — continuou o adinho tirando-nos a venda, — que o maltez da cordealidade venha em auxilio da previsão desejada.

N'uma porta do lado miou um gato; e n'um quadro grande ao fundo da sala podemos divisar a figura sympathica do sr. Bernardino Machado agitando o seu fino chapéu alto.

— Ai qu'elle está vivinho ali! — exclamámos apavorados.

— Não se assuste. Unicamente o espirito de S. Ex.ª, devidamente invocado, é que se agita n'aquella tela.

Mais tranquillos recostámo-nos na cadeira, mas logo novamente prezos de comoção démos um pulo. Sobre uma mesa larga, de pedra verde, um rosto nosso conhecido bailava com os olhos separados das orbitas, bailando tambem.

— Ai! que a coisa agora é seria!...

— Não se assuste — repetiu o *bruxo* socegando-nos. E' o espirito da Separação que vem presidir. E agora escute. O parlamento deve abrir em novembro e, feitas as contumelias do estylo, diversas questões hão-de desde logo apaixonar os oradores em azeda discussão. Os *democraticos* sob diversos pretextos e entre os quaes alguns actos praticados por governadores civis da politica *unionista*, cahirão a fundo sobre o presidente do governo. Para que se não diga que querem só derrubar o gabinete, não lhe darão um cheque em geral, preferindo o systema parcial da intransigencia com alguns ministros.

— Uma repetição do que aconteceu com o ministro do interior, Silvestre Falcão, do gabinete Augusto Vasconcellos, não é verdade?

— Sim, pouco mais ou menos, mas é claro com aspectos differentes. D'esta forma difficultarão a marcha do governo, de maneira a obrigar o sr. Duarte Leite a abandonar o poder. Os grupos *almeidista* e *camachista* lutarão para manter o actual governo mas a intransigencia *affonsista* conseguirá os seus fins.

— Nova crise ministerial, portanto?

— Evidentemente. Bem vê que os *democraticos* não desistem do seu objectivo.

— O qual é...?

— Occupar a pasta do interior com um partidario seu. D'esse «desideratum» depende por assim dizer a sua vida futura, por causa da montagem da machina eleitoral para as eleições camariarias e preparação das eleições geraes e consequente eleição presidencial.

Sobre a mesa os olhinhos separados do rosto nosso conhecido, luziram intensamente a sorrirem. O *bruxo* continuou:

— Não tem visto a campanha do *Mundo* para que se demorem as eleições administrativas? Pois o que significa isso senão o desejo d'empatar o acto eleitoral até que no ministerio do interior esteja quem possa convenientemente, para os *democraticos*, dirigir os trabalhos da urna? Em volta d'este ponto gira toda a politica *affonsista* e para alcançarem o fim desejado ou seja a pasta mais politica do gabinete, não hesitarão ir até onde necessario seja...

— E irão muito longe?

— Talvez. Observe-se um pouco a ultima crise ministerial. Lembra-se não é verdade, que no Porto havia um *complot* para dar um golpe de Estado?

— Sim, se a crise não tivesse solução.

— Melhor será dizer: se a crise não tivesse tido a approvação *affonsista*. Ora esse *complot* de que ainda ha dias vieram á imprensa cathgoricas declarações de militares implicados n'aquella projectado movimento, não tinha por fim nem servir os *unionistas* (pois estes desejavam o ministerio anterior) nem os *almeidistas* (que sem forças para grandes commettimentos contentam-se com tudo), só querendo, portanto, impôr no poder certos elementos *democraticos*.

— Com poderes dictatoriaes?

— Certamente. Um segundo 5 d'outubro com exclusão de certas partes no *provisorio* que se organisasse.

— Mas isso são coisas passadas, e o que desejavamos era calcular acontecimentos futuros.

— Pois justamente para avaliarmos do futuro, temos que pezar estas coisas do passado.

— Calcula então certo o trambulhão do ministerio Duarte Leite?

— E' o que a minha inspiração diz, guiada pela invocação cabalística que fiz. Vejo perfeitamente desenhado no quadro negro essa cahidella.

— E as suas consequencias?

— Muito nebulosas. Mas ponderemos. Nenhum dos grupos parlamentares tem força para governar sósinho. Ministerios anti-partidarios e de concentração já deram tudo o que tinham a dar. Ora agora junte, que o actual parlamento tem que viver assim constituído

até 1915, isto é, mais 3 annos!! Veja o que tem acontecido para conseguir equilibrar-o na sua existencia de pouco mais d'um anno! Somme agora tudo com as crises ministeriaes (tres totaes fóra as parciaes) havidas desde outubro de 1910, quando era de esperar que a republica tivesse quasi intacto o seu «stock» de valores politicos. E dê finalmente o balanço ao que teem produzido as *grandes esperanças* da Ideia Nova, e os que estão já liquidados, e o que resta. E assim...

— E assim...?

— E assim terá a conclusão.

— Mas restam ainda os *unionistas* e *evolucionistas* para equilibrarem a vida parlamentar como a constituição determina, além dos *independentes*.

— Em primeiro logar *independentes* de «verdade» só existem uns tres ou quatro quando muito. Todos os outros estão acorrentados. Quanto ás outras fracções nenhuma força teem e, nem

O Pulpito da Igreja de Santa Cruz de Coimbra

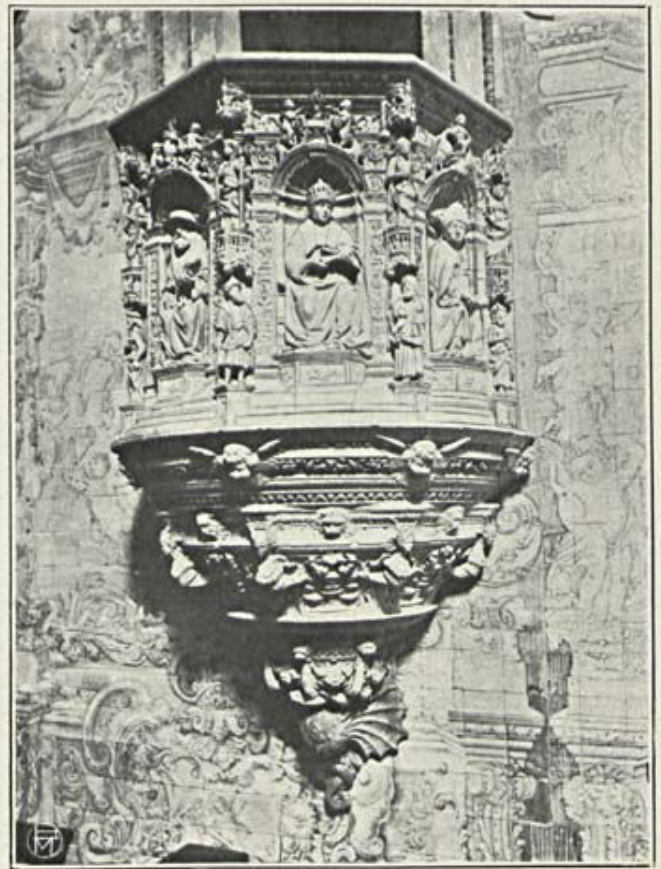
QUANDO D. Manuel deliberou reconstruir a igreja e mosteiro de Santa Cruz, fez vir de França uma pleiade brilhante de architectos e esculptores, cheios de originalidade e de talento, com uma larga sciencia da technica d'arte e illuminados pelo bello ideal do Renascimento que ha muito dominava e engrandecia o espirito dos povos cultos.

Esses artistas, Mestre Nicolao Frácez, João de Ruão, Jaquez Loguim e Felipe Vduarte, que assim escriptos, rutilam com nitido fulgor nas paginas floridas das chronicas, depararam em Coimbra com um meio apto, inteiramente preparado com largos recursos para a formação d'uma grande e luminosa escola artistica.

O pulpito da Igreja de Santa Cruz de Coimbra



O conjunto



Detalhe

(Phot. de Pinho Henriques)

mesmo unidas, nada podem fazer. Então não se lembra da celebre União que durou o tempo das rosas! Os tres grupos politicos só teem um fim: desacreditarem-se mutuamente. Os *democraticos* hão-de provar coisas espantosas e *verdadeiras* dos *camachistas* e *almeidistas*. Estes, com argumentos irrefutaveis demonstrarão que os *unionistas* e *affonsistas* estão liquidados; e por sua vez a gente que acompanha o director da *Lucta* provará com factos que os outros dois partidos commetteram abusos e possuem intenções que os collocam em fallencia completa.

— Então o que resta?

— Não sei. Só sei que toda a gente andou perto de dois annos preocupada com um Couceiro que ingenuamente andava conspirando por terras gallegas. Quando afinal — concluiu o *bruxo* com uma risadinha enigmatica — a republica tem bem junto a si *tres magnificos Couceiros* muito mais praticos e habeis, como se verá...

CRISPIM.

Na verdade ha muito que em Coimbra se cultivava com fervor a esculptura e até já anteriormente, no seculo xv, se contavam na cidade do Mondego artistas de renome como Diogo Pires, o Velho, que o chronista dos franciscanos, Fr. Manuel da Esperança, na *Historia Seraphica*, denomina *insigne em sua arte*. Seu filho Diogo Pires, o Moço, educado na escola paterna, floresceu no seculo xvi em Coimbra, onde teve officina, e, entre outras obras, fez em 1512 a linda pia baptismal, em pedra d'Ançã, da igreja do mosteiro de Leça do Balio, de que o incumbiu o balio D. fr. João Coelho, para quem fez tambem, em 1514, o bello tumulo com estatua jacente que existe n'aquella igreja, na capella de Nossa Senhora do Rosario, tambem chamada *do ferro*, e o lindo e elegante cruzeiro manuelino situado no caminho que se dirige ao templo.

Outro artista que gosava de grande consideração em Coimbra era o architecto Pero Annes que, depois de ter dirigido em Africa varias construcções e obras de fortificação, veio estabelecer residencia na cidade do Mondego, onde foi architecto da co-

rôa e onde constituiu família, sendo mais tarde sogro d'um d'aquelles artistas francezes, o celebre João de Ruão, pelo casamento d'este com sua filha Isabel Pires.

Marcos Pires, cunhado e successor de Pero Annes nas funções de mestre das obras dos Paços Reaes de Coimbra, notabilizou-se tambem pelos seus trabalhos em Santa Cruz, avultando as restaurações das doze capellas do claustro, como se vê da carta de Gregorio Lourenço, vedor e notario de Santa Cruz, a el-rei D. Manuel, com data de 28 de janeiro de 1518.

Marcos Pires, que o laureado architecto allemão Albrecht Haupt, na sua bella obra *Die Bankunst der Renaissance in Portugal*, acceita como mestre da ornamentação da igreja e do Claustro annexo de Santa Cruz, veiu a fallecer pobrememente em 1524, não lhe tendo sorrido a fortuna na criação das officinas que teve em Coimbra e n'outros trabalhos que empreendeu e que inteiramente o arruinaram, succedendo-lhe no lugar de mestre das obras dos paços reaes de Coimbra o architecto Diogo de Castilho.

Pela sua banda a natureza contribuia tambem poderosamente para o desenvolvimento da esculptura, pondo ao serviço dos artistas os materiaes das pedreiras coimbrãs, d'um calcareo brando, facil de trabalhar pela fraca resistencia que offerece ao cinzel, como é a doce e alva pedra d'Ançã (1) que tantas vezes, infelizmente, pela sua fragilidade e pouca duração, incitou fallazmente os artistas a utilisal-a nas suas obras primas.

A vinda dos mestres francezes fez de Coimbra o centro portuguez da arte do Renascimento, pois despontou e floresceu n'ella a mais linda e famosa escola de esculptores que até hoje teem trabalhado a pedra com uma arte cheia de delicadeza e encanto.

Essa escola em que domina, como seu principal fundador, a personalidade magnifica de João de Ruão, que nas escripturas da epocha e n'um livro manuscrito do seculo XVI é denominado *imaginario*, (2) encheu de obras primas todo aquelle seculo e principios do immediato, espalhando-a a mãos prodigas, não só pelas igrejas e capellas de Coimbra e seu districto (Goes, Cantanhede, Montemor-o-Velho e S. Silvestre), mas por terras mais distantes, como Vizeu, Guarda, Aveiro, Porto, Thomar, Lisboa, Belem, Cintra, Obidos, Borba, Portalegre, Villa Viçosa, Extremoz, etc.

D'entre todas, porém, brilha, como a mais fulgurante joia, o maravilhoso pulpito de Santa Cruz de Coimbra, que é o modelo mais delicado, mais rico e mais perfeito da esculptura da Renascença coimbrã.

Essa obra notabilissima, tão eminentemente bafejada pelo genio, revela um artista que ao instincto das composições, cheias de rhytmo e de equilibrio, allia um sentimento largo e delicado da linha, uma phantasia exuberantissima e uma verdadeira comprehensão do papel das figuras e dos ornatos, destinados a animar, e accusar a fôrma; a embellezar e aligeirar a ossatura do monumento, imprimindo ao pesado e massivo bloco de pedra uma elegancia fina e um ar leve e brincado, d'uma delicadeza rara em monumentos congeneres.

Em toda a arte do Renascimento não ha certamente mais encantadora composição, que tanto deslumbre o olhar pela surpreendente harmonia do conjuncto, pela nobreza das proporções, pela riqueza e variedade dos motivos.

E' um verdadeiro poema de estrophes rendilhadas em pedra, um admiravel hymno de grandiosa e commovente belleza, erguido pelo artista em honra e gloria da Igreja, e em que canta e palpita todo o seu amor e enthusiasmo pelos restos da antiguidade classica, estatuas, bustos, camapheus, moedas e outros baixos relevos que inspiraram os artistas da Renascença.

E', pôde assegurar-se, uma obra prima da arte de todos os tempos que não tem igual nem similar em esculptura, sendo muito superior, em concepção artistica e belleza de detalhes, ao lindo pulpito da Igreja de Santa Croce de Florença, trabalho em mármore de Benedetto da Majano, com deliciosos quadros em baixo relevo, que fazem d'elle a obra d'arte mais bella d'Italia (3), e

aos que existem no domo de Sienna e no baptisterio de Pisa, devidos ao cinzel de Nicolau d'Apulia ou *Nicola Pisano*, que os decorou de baixos relevos em que tomou por modelo os que ornamentavam os sarcophagos romanos.

O pulpito de Santa Cruz, pelo seu estylo, que é de origem franceza, evoca o sumptuosissimo tumulo do Cardeal Jorge de Amboise na Cathedral de Rouen, uma das mais encantadoras joias da Renascença franceza, devida ao cinzel de João de Ruão que evidentemente é o mesmo artista normando chamado por D. Mauuel a Portugal para os trabalhos de Santa Cruz (1).

(1) Da preciosissima memoria de Gregorio Lourenço, vedor e notario de Santa Cruz, transcrevemos o seguinte trecho relativo ao pulpito:

«El-Rei D. Manuel mandou fazer um pulpito; o parapeito acha-se concluido e levantado sobre os esteios; o sobrecéu que o encima é porém insufficiente, e n'essa conformidade, foi mandado abrir um portico, de arazzoado tamanho, e por cima um esparvel com labores condizendo quer aos do parapeito quer aos dos esteios. Do que está feito, dizem quantos o teem visto, que não existe por toda essa Hespanha obra de pedra lavrada que lhe leve a palma. O dito pulpito deve ficar concluido da maneira que Vossa Alteza está ouvindo, e pronto a servir.»

Isto escrevia Gregorio Lourenço em 1522 mas a composição ficou incompleta, pois o lindo pulpito ainda hoje espera a cupula, que o devia rematar superiormente, e as pilastras com estylisações Renascença que por certo o deviam guarnecer, lateralmente apresentando a porta uma architrave que muito prejudica a esthetica do monumento.

Sobre a noticia acerca d'El-Rei D. Manuel dada a publico em 1518 pelo notario Gregorio Lourenço vidê Souza Viterbo — *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra imprensa da Universidade, 1890.

ASSUMPTOS ARTISTICOS



Azambuja — Salgueiros

(Quadro do pintor Thomaz de Mello)

(Phot. de A. C. Lima)

(1) ... boa pera laurar n'ella mil folhagens, e laures e figuras diz o chronista D. Nicolau de Santa Maria na *Chronica dos Conegos Reagrantes*, Livro IX, cap. XXXI.

(2) Os tabelhões do tempo de João de Ruão, referindo-se a elle nas escripturas publicas em que figurava, denominavam-n'o *ho homrado imaginario Joam de Ruã*.

(3) Como o de Santa Cruz de Coimbra, ostenta tambem lindas estatuetas, que representam a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade*, a *Justiça* e a *Força* e cinco soberbos quadros com episodios da legenda franciscana. E' admiravel pela grande belleza de sentimento o quarto quadro que representa o feretro do apostolo aubriano, em volta do qual se agrupam os irmãos menores, ajoelhados ou de pé, sacerdotes, artistas e creanças, que agitam thuribulos.

Perkins, fallando de Benedetto da Majano, diz: «A Toscana produziu poucos esculptores tão graciosos como Benedetto da Majano; n'elle, o sentimento, apesar de não ser profundo, é sempre verdadeiro».

Esculpido n'um bloco d'Ançã o pulpito de Santa Cruz tem na parte superior a fôrma d'um octogono regular, de que apenas se veem quatro faces e na inferior a de uma misula ou cone, de vertice voltado para baixo e cuja base serve d'apoio ao meio octogono.

Em cada uma das faces abre-se um ediculo, de sobrecéu de concha e d'arcada cintrada que nasce das impostas das pilastras lateraes, formosamente cinzeladas d'estylisações Renascença que graciosamente o emmolduram. Cada ediculo é habitado pela figura poderosa d'um doutor da Igreja, assentado e tendo na cabeça a insignia correspondente á sua dignidade. Dois d'esses doutores levam a mitra, outro o chapéu cardinalicio e outro a thiará pontificia. Todos sustentam um livro nas mãos, á excepção d'um dos mitrados que segura n'ellas um templo.

As figuras dos doutores são d'uma vigorosa expressão e d'um forte realismo, denunciando o naturalismo subtil do artista, o seu conhecimento da fôrma humana e da maneira de arranjar as roupagens que amplamente as envolvem e que são tractadas com uma rara perfeição, desde os sebastos, que guarnecem as casulas e que

cobertas tambem de docéis, representam o Santo Rei David com a harpa, e diversos prophetas, tendo cada um nas mãos rhylacetas desenrolados.

Estas figurinhas, que por si só constituem um pequeno museu de escultura, foram modeladas com amoroso enlevo, e cada uma d'ellas tomada á parte resiste a um detalhado exame, podendo emparceirar pela sua fina belleza e pelo encanto enternecido que a ellas nos prende, com essas surprehendentes estatuetas de S. João Baptista e S. Jeronymo, que moram n'um recanto da visinha povoação de S. Silvestre, na capella particular do solar do Dr. Manuel Cabral de Moura Coutinho de Vilhena, o proprietario feliz do sumptuoso *Panthéon dos Silvas*. Os baldaquinos que as protegem são um prodigio de execução, lembrando uma obra d'ourivesaria, um trabalho em filigrana, de fina e delicada cinzeladura, com tal arte o artista trabalhou a pedra, excavando-a e fazendo resaltar d'ella galerias com graciosas columnatas e outros labores que, apesar da finura dos seus detalhes e da fragilidade da pedra d'Ançã, mantem integras todas as suas partes.

THEATROS

THEATRO DA TRINDADE — Manobras do Outomno



Final do 3.º acto

(Phot. de A. Lima)

ostentam uma deliciosa minucia de labores, até ás largas pregas, bem cinzeladas, e que acompanham e fazem avultar, com uma verdade flagrante, as curvas, ondulações e contornos do corpo.

Estas poderosas figuras, bem como todas as estatuetas que decoram o pulpito, justificam a grande tradição de *imaginario* que anda ligada ao nome de João de Ruão, a quem se attribue com fundamento o lindissimo pulpito.

Na verdade o pulpito proclama bem alto quem seja o seu auctor, dispensando divagações eruditas, pois, sendo os arcos dos ediculos centraes, que avultam na photogravura, sobrepujados, um por um escudo rematado pela cruz de Christo e o outro por um distico que cherubins amparam, divisam-se perfeitamente n'este ultimo, que é encimado pela esphera armilar, as letras I. M. que são positivamente a marca do artista, em lingua latina, sob a fôrma breve e carinhosa, por que era conhecido entre os seus discipulos e contemporaneos: *Mestre João*.

Guarnecendo as arestas do semi-octogono ha duas ordens de deliciosas estatuetas representando personagens biblicos, sobrepujadas de rendilhados baldaquinos e que illuminam ricamente o monumento. As que ficam n'um ponto mais elevado representam tocantes e piedosas figuras de mulher e as que existem sob estas,

João de Ruão caprichou em realizar uma obra rica e variada erichada de difficuldades technicas, que deslumbrasse os seus emulos e discipulos, e em que se desenvolvesse o mais livremente o genio da arte da Renascença, introduzindo por toda a parte grande profusão d'ornatos engenhosamente arrendados que alindassem a superficie e linhas do monumento, realçando-lhe a fina belleza e tornando mais opulenta a variedade dos motivos, os graciosos medalhões que tem engastados, as lindas molduragens e finos labores, detalhados minuciosamente, cheios de imprevisto e de pittoresco e palpantes todos do grande sentimento pessoal do famoso imaginario.

As peanhas em que poisam as figuras dos doutores são decoradas de delicadissimos quadros em baixo-relevo, em que correm deliciosos grupos de creanças e animaes que revelam a graça e subtileza de João de Ruão na representação da infancia, fazendo destacar em poucos centimetros de superficie, sob o influxo magico do seu buril de decorador, fôrmas infantis, rechonchudas e frescas, tocadas do mais enternecido encanto.

E, se os examinarmos detidamente, notaremos não a preocupação do artista em os detalhar até á miniatura, mas o amoroso cuidado de acariciar e animar a pedra, infundindo vida ao arredon-

dado ondulante das figuras por meio de poucos mas seguros golpes, indispensaveis para fazer avultar a fórma.

A parte inferior do pulpito, em fórma de misula, reveste-se d'uma encantadora decoraçáo em que se multiplicam os motivos característicos do renascimento e que alegram e alindam esta parte do monumento, especialmente os frisos.

Toda ella se anima de graciosas cabeças de cherubins alados estudadas com amor, e de esphinges, de perfil delicado e puro, que prendem o nosso olhar e nos encantam, sendo esta impressáo perturbada pelas deploraveis mutilaçóes que algumas teem soffrido, victimas dos mais barbaros attentados e abusos provenientes da ignorancia e selvajaria dos devotos.

A' hydra alada e com a cauda enroscada, que remata esta parte do pulpito, faltam já algumas cabeças e outras apresentam-se de tal modo mutiladas que urge providenciar de fórma a evitar a approximaçáo de quem, em vez de regalar os olhos na contemplaçáo do nosso mais delicado e commovido monumento da Renascença, se entretém a desrespeital-o e a damnifical-o, evidenciando a ausencia de cultura e a fereza de seus instinctos iconoclastas.

Coimbra — Abril de 1907.

ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUZA.

THEATROS

Republica — *A morte*, de Bento Mantua. — **Trindade** — *Manobras de Outomno*, musica de Emmerich Kalman.

Bento Mantua, em *A Morte*, accentua as faculdades de dramaturgo, que já revelára na *Má Sina* e no *Alcool*. E' um insigne pintor de quadros regionaes, descriptos com intensa vibraçáo dramática e muita sinceridade emotiva.

De um simples episodio, talvez colhido do natural, pondo de lado as conhecidas *ficelles* e os refohos de linguagem, compöz um bello quadro dramático.

Um camponez emigrára para o Brasil em busca de fortuna, deixando, n'um recanto do Minho, uma mulher nova e trabalhadora e um filhito de poucos annos. Isto é, tinha a felicidade á mão, mas a fallaz miragem do bezerro de ouro enfeitára-o, e abalára. Nos primeiros tempos as noticias eram certas, por quasi todos os paquetes. Ha dois mezes, porém, cessaram de todo. A pobre continua sempre na labuta

da vida, mas anda inquieta, presagiando-lhe o coração uma desgraça. Chega o distribuidor rural, entregando-lhe uma carta tarjada de negro. E o carteiro, contra o costume, allegando pressa, não cede ás instancias da pobre analphabeta, para que lhe leia a missiva. A aldeã, então, manda o rapazito para a estrada, para pedir a algum transeunte que faça a esmola de vir lêr-lhe a carta. Dahi a pouco volta o pequeno acompanhado de um *senhor*, que sabe lêr. Este, de começo, presta-se de boa mente a desempenhar-se da tarefa; mas, logo ás primeiras linhas, comprehende a dolorosa missáo, que o acaso lhe reservou e começa titubinando. Mas a campónia, n'uma anciedade indiscriptivel, com a acuidade que lhe dá a sua lancinante angustia, presente a verdade e increpa, insulta o leitor, que afinal vê-se coagido a lêr o que diz a carta: — *o seu homem morrerá*. A mízera enlouquece.

E', como se vê, um quadro simples, em que entram poucas figuras, que se expressam n'uma linguagem chã, com a accentuaçáo minhota, mas traçado com mão firme e cuja acçáo, indo n'um gradual crescendo de intensidade dramática, decorre, no emtanto, com muita naturalidade.

Palmira Torres estudou com amór a sua personagem, incarnando-a na perfeiçáo. Tanto a talentosa artista, como Bento Mantua, foram repetidas vezes chamados ao proscenio e justamente victoriados.

Trindade. — A empresa Gomes & Grijó, na intencáo de fazer resurgir a opereta em Portugal, reuniu um grupo de artistas, bastante homogéneo, inaugurando a 17 de setembro os seus espectáculos, com a primeira representaçáo, das *Manobras de Outomno*, peça allemã, de Gesang e Bodanzki, *spartito* de Emmerich Kalman e traducçáo e adaptaçáo portugueza, respectivamente, de Boaventura Garçáo e Accacio Antunes.

N'esta opereta fizeram a sua apresentaçáo ao publico lisbonense, a sr.^a Elsy Rubini e o sr. Antonio Garcia.

A voz de soprano lyrico de Rubini é bem timbrada, imprimindo ao canto bastante sentimento. Antonio Garcia, cuja voz de tenor mais se presta ao genero dramático, de que á opereta, imprime demasiada vehemencia ao papel de *Zarenty*, o tenente de dragóes. Quando o tironcinio da scena valorizar as faculdades vocaes dos dois debutantes, tornar-se-hão estes, bons elementos para qualquer empresa de opereta.

Mercedes Beranger, muito desenvolta e graciosa no seu *travesti* de cadete, cantou com excellente intencáo toda a sua parte.

Antonio Gomes e Grijó, respectivamente, no general e no cadete carregaram sobremaneira os seus papeis, imprimindo-lhes feiçáo demasiadamente grotesca.

Do naipe do côro feminino fazem parte algumas raparigas bonitas e razoavelmente entoadas. Os côros estão bem ensaiados, devendo o maestro evitar nos *crescendos* e *certantes*, que lancem a voz a plenos pulmões, o que é de pessimo effeito para uma sala d'aquellas dimensóes. Tambem discordamos absolutamente do andamento, demasiado *ralentado*, com que é conduzido o *spartito*. Assim, fica desvirtuada a musica de Kalman.

As *Manobras de Outomno* estão postas em scena, não só com luxo, mas com esplendor, pouco vulgar em palcos portuguezes.

Ferreira Mendes.

THEATRO DA RUA DOS CONDES — A revista «Sempre fresquinho»



Grupo geral da companhia, vendo-se ao centro, junto á estatua, o empresario

(Scenario do 2.º acto)

(Phot. de A. C. Lima)